

cinecartaz

ÚLTIMA HORA

Pesquisa Rápida
na Edição de Hoje

PUBLICO

SECCÕES

[1ª Página](#) [Destaque](#)
[Editoriais](#) [Nacional](#)
[Mundo](#) [Espaço](#)
[Público](#) [Sociedade](#)
[Educação](#) [Ciências](#)
[Cultura](#) [Desporto](#)
[Economia](#) [Media](#)
[Local Lisboa](#) [Local](#)
[Porto](#) [Última Página](#)
[Ficha Técnica](#)

SUPLEMENTOS

[Y](#)

[Só Texto](#)

Tempo

[Calvin](#) [Bartoon](#)
[Programação TV](#)

GUIA DO LAZER

PUBLICOnline

Home | Primeira Página | Índice de Hoje | Últimos 7 Dias | Pesquisas

Espaço Público | OPINIÃO |

Barrancos e o Direito à Memória

Por DANIEL OLIVEIRA

Sexta-feira, 5 de Julho de 2002

Cabe primeiro um esclarecimento: sou militante e dirigente do Bloco de Esquerda, mas escrevo aqui a título pessoal. O Bloco, tal como foi sempre a sua posição, votará contra o regime de excepção para Barrancos. Compreendo e tenho consciência que ela é coerente com uma posição largamente maioritária entre os aderentes, dirigentes e base social de apoio do meu partido. No entanto, discordo dela. Sei que a minha posição é bastante minoritária no BE e não dramatizo a discordância, mas torno-a pública por que acho que é assim que as coisas se devem passar. Não há nenhum tipo de centralismo (democrático ou burocrático) no BE e vemos com naturalidade as divergências. Tenho também consciência de que este não é um assunto central da política portuguesa. Por isso, interessa-me mais discutir o que está por detrás dele.

Mas começaria ao contrário: o que não está em discussão.

Não estão em discussão os direitos dos animais. Se estivessem, coerentemente se estaria a debater a proibição da tourada, toda ela. O touro sofre mais na espera pela morte do que com a morte na arena. Se estivessem, o transporte de animais e o tratamento indigno na indústria pecuária seria a prioridade. Se estivessem, seria discutida a forma de garantir a sobrevivência da espécie depois do fim da única actividade que garante a sua existência.

Não está em causa o argumento da tradição. Tradições há muitas. Há quem apedreje mulheres adúlteras, há quem dê vinho crianças de tenra idade, há quem ofereça as suas filhas em troca de um dote. Não defendo a tradição por ser tradição. O mundo muda e devemos lutar para que mude.

Também não é a autoridade do Estado que está em questão. Nenhum Estado pode fazer uma população inteira cumprir uma lei. É inviável e para uma desobediência generalizada apenas se podem encontrar soluções políticas e negociadas.

O que está então em discussão?

A legitimidade do espectáculo da violência. A tourada é uma encenação da relação violenta do homem com a natureza. É a arqueologia rural dessa relação. A celebração da morte e a celebração da vida, da sobrevivência e do domínio do homem sobre as forças naturais. De um tempo em que o homem dependia desse domínio para sobreviver. Dir-se-á que esse é hoje um espectáculo anacrónico. Será, mas da sobrevivência destes sinais do passado depende a sobrevivência de uma memória que favoreça a relação directa com a natureza. Ela é um sinal de resistência à industrialização da vida e da morte. O espectáculo da morte do touro, em Barrancos, é em tudo semelhante ao da matança do porco, é aquele que nos mostra de onde vem a nossa vida, que nos diz da nossa dependência em relação à natureza. Na matança do porco, a celebração é privada e familiar, na matança do touro ela é pública e comunitária.

É também a resistência de uma cultura rural em relação a uma cultura urbana. A cultura da cidade e do domínio tecnológico sobre a natureza é, não esconde, mais tolerante e multicultural. Mas ela aflora, neste como noutros casos, uma hegemonia intolerante e insensível aos processos de afirmação de identidade do mundo rural. Não me esqueço dos argumentos das inenarráveis associações de defesa dos direitos dos animais, que apresentavam como contrapartida ao "obscurantismo" barranquenho facilidades de acesso à Internet. Como se estivéssemos todos a caminho de um estado de civilidade natural, a que os f+bcro-magnonsf-b raianos teriam escapado.

E isto levanta a segunda questão importante: quais são os limites ao multiculturalismo? Em que medida pode uma sociedade tolerar fenómenos contraditórios no seu interior? Não tenho, nesta matéria, posições fundamentalistas. Pode e não pode, depende dos limites. Trata-se de um processo difícil de negociação e auto-regulação. Os limites são, para mim, os dos direitos humanos. Defendo a minha cultura naquilo que penso que ela é, do ponto de vista civilizacional, emancipadora para o conjunto da humanidade. Lutarei contra a ofensa dos direitos humanos e dos direitos das mulheres, contra a perpetuação de relações de exploração e domínio sobre o outro, mesmo que sejam ancestrais tradições de outras culturas. Não aceito que o multiculturalismo ponha em causa direitos adquiridos na sociedade em que vivo e sinto-me na obrigação de apoiar todos os que, noutras civilizações, lutem pela sua conquista. Das mulheres no mundo muçulmano aos condenados à pena de morte nos Estados Unidos.

Perante estes pressupostos, não me parece normal que a sociedade portuguesa entre em crise porque, numa terra perdida e entalada entre duas culturas, existe um hábito de difícil digestão para a maioria do país. Sobretudo quando as festas de Barrancos são a única forma de afirmação e dignidade que resta àquele povo. Penso mesmo que neste caso há um excesso de zelo e um desrespeito pela

diversidade cultural que advém de um mito: que o território português é culturalmente uniforme.

Disto isto, espero que o poder político tenha o bom senso de, caso mantenha a proibição dos touros de morte em Barrancos, encontrar uma solução negociada com aquele população. Não ficarei, não poderei ficar, a aplaudir um batalhão da GNR que ali vá impor a lei e a ordem. Não é essa a minha cultura.

militante do Bloco de Esquerda ▲

OUTROS TÍTULOS EM ESPAÇO PÚBLICO

EDITORIAL

- [Timor-Leste não se repete](#)

OPINIÃO

- [Em defesa de um serviço de televisão para o público com zero canais públicos](#)
- [Televisão: redescobrir a agilidade](#)
- [Barrancos e o direito à memória](#)
- [Bush não é a América](#)

CARTAS AO DIRECTOR

- ["Empreiteiro nega acordo com José Braga Gonçalves"](#)
- [Acessos a Medicina... continuação da novela](#)
- [Citações](#)